

ROMA ANTIGA, PERCEPÇÕES MODERNAS: ERNESTO GIMÉNEZ CABALLERO E A BUSCA PELA “ALMA ESPAÑOLA”

Rafael Nakayama Rufino*

Resumo: Considerando a proposta de Martin Bernal, segundo a qual o mundo antigo desempenhou um importante papel na definição da política moderna, o presente artigo busca discutir como uma imagem da Roma antiga auxiliou na construção de uma identidade nacional espanhola, o que leva a uma reflexão acerca do papel do passado romano nos jogos de estratégia e afirmações identitárias. O período a ser considerado será o da Espanha das décadas de 1920 e 1930, a partir de alguns escritos do filósofo e escritor Ernesto Giménez Caballero (1899-1988).

Palavras-chave: Roma antiga, Espanha contemporânea, Ernesto Giménez Caballero (1899-1988), usos do passado.

ANCIENT ROME, MODERN PERCEPTIONS: ERNESTO GIMÉNEZ CABALLERO AND THE SEARCH FOR “ALMA ESPAÑOLA”

Abstract: Considering Martin Bernal's proposition that the ancient world played an important role in shaping modern politics, this article discusses how an image of ancient Rome assisted

* Doutorando em História Cultural pelo IFCH/UNICAMP, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Funari. Membro do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Antiguidade e Modernidade: Usos do Passado*, coordenado pelos professores Glaydson José da Silva (UNIFESP) e Renata Senna Garraffoni (UFPR) e Pesquisador do *Laboratório de Arqueologia Pública – Paulo Duarte* (LAP/NEPAM/UNICAMP). Este estudo é uma adaptação de parte de minha Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História do IFCH-Unicamp, no dia 26 de fevereiro de 2013, intitulada *O bimilenário de Augusto na Espanha: as construções discursivas do franquismo sobre a Antiguidade romana*. E-mail: rafaelnakayama@hotmail.com

Rafael Nakayama Rufino

in the construction of a Spanish national identity, which leads to a reflection about the role of the Roman past both in political strategies and identity statements. The period to be considered will be that of Spain in the 1920s and 1930s, from some writings of the philosopher and writer Ernesto Giménez Caballero (1899-1988).

Keywords: Ancient Rome, Contemporary Spain, Ernesto Giménez Caballero (1899-1988), uses of the past.

Introdução

“Desde sua redescoberta, na Itália, os antigos não deixaram de estar presentes na cultura e nos debates dos modernos” (HARTOG, 2003: 157). Essa observação do historiador francês François Hartog serve como ponto de partida para levar a cabo uma reflexão referente à produção historiográfica sobre a Antiguidade clássica, bem como questionar a própria relação entre passado e presente no estudo da história antiga, disciplina comumente vista como afastada do campo da política moderna, mas que, como destacou Martin Bernal, “tem sido marcada por uma atitude francamente política” (2005: 13).

Nas últimas décadas, historiadores e arqueólogos que possuem como campo de interesse o mundo greco-romano, têm chamado a atenção para o aspecto discursivo dos estudos clássicos, sendo necessário, então, uma análise de tais estudos inserindo-os em seus contextos de produção, questionando o próprio arcabouço conceitual empregado pelos pesquisadores em suas interpretações sobre o mundo antigo.

Nenhum passado está a salvo do uso contemporâneo e, tanto Roma quanto a Grécia clássicas, foram “resgatadas” como modelos para os mais variados fins: os discursos imperialistas britânicos apegaram-se às imagens proporcionadas pela Roma clássica e as redesenharam para ajudar a definir as ideias de origem inglesa e a justificativa do império de 1880 até por volta de 1930 (HINGLEY, 2005); Atenas foi vista por vários ângulos: ora como

Roma Antiga, Percepções Modernas

liberal, democrática e republicana, ora como socialista (VIDAL-NAQUET, 2002: 22); Bernal nos mostra como, a partir de um modelo interpretativo, a Grécia Antiga foi entendida como a primeira civilização universal e, ao mesmo tempo, como o antepassado cultural dos europeus, o que legitimaria sua empresa colonialista e hegemônica, bem como sua “missão civilizadora” (2005: 30); nessa mesma abordagem, insere-se o papel desempenhado pela Arqueologia francesa durante o regime de Vichy (1940-1944) na constituição das identidades coletivas e, singularmente, na justificação das origens da identidade nacional, que levou à reescritura do passado nacional (OLIVIER, 2005; SILVA, 2007). A partir desses exemplos podemos concordar com o medievalista francês, Georges Duby, quando comenta que “cada época constrói mentalmente sua própria representação do passado, sua própria Roma e sua própria Atenas” (1980: 44).

Se Atenas foi tida como modelo de democracia e potencial artístico, a imagem de Roma esteve associada a sua suposta missão civilizadora, ao seu imperialismo, à expansão imperial. Hobsbawm destaca que entre o fim do século XIX e começo do XX, discursos acadêmicos sobre o passado estiveram a serviço da legitimação das ações promovidas pelos Estados Nacionais europeus (1984: 3). É justamente nesse período que conceitos como império, imperialismo civilizador, missão imperial, romanização, todos eles referindo-se à Roma antiga, foram produzidos e estavam permeados por objetivos nacionalistas e imperialistas das nações europeias. Roma aparecia, em suma, como o modelo de unidade, imperialismo e civilização a ser seguido¹.

¹ Sobre esse assunto, Regina Maria da Cunha Bustamante nota que “a função justificadora da história romana, pelo viés de uma filiação que associava a Europa a um império pacificador e civilizador, foi utilizada nos discursos das potências coloniais durante a expansão imperialista europeia, do final do século XIX ao início do XX, na Ásia e na África. A historiografia colonial

Intimamente relacionado com essa questão está a busca por uma identidade nacional que forjaria, por consequência, uma unidade nacional, um ideal de nação, projeto tão caro aos nacionalistas europeus do período entre séculos (XIX-XX). Novamente Roma participa desse empreendimento e passa a ser entendida como a “pátria-mãe”, como o começo absoluto, como o ponto originário de muitas nações europeias, que na Antiguidade contaram com a presença dos romanos em seus territórios. Com isso, surgiu a ideia de uma herança cultural, de um legado de Roma às suas “filhas”, determinando, dessa forma, o curso dos acontecimentos, um destino, uma missão a ser cumprida. A título de ilustração, podemos citar o contexto da Itália fascista onde o *Duce*, Benito Mussolini, via-se como o continuador da Roma imperial e, ademais, como o “novo Augusto”, entendido como o pacificador e unificador do Império romano. Essa “imagem” acabava por legitimar, sobretudo, a empresa imperialista e colonialista italiana no norte da África².

O objetivo desse artigo está inserido nessa problemática. O período a ser considerado será o da Espanha das décadas de 1920 e 1930, a partir de alguns escritos do filósofo e escritor madrilense, Ernesto Giménez Caballero (1899-1988)³. A escolha justifica-se por dois motivos: primeiro, pelo fato de o escritor ser considerado o introdutor da ideologia fascista na Espanha. Como observa um dos seus biógrafos, o historiador espanhol

europeia ressaltou então o Império Romano e as suas benesses. O expansionismo imperialista das metrópoles europeias procurou no passado um paralelo histórico e encontrou no Império Romano um campo propício para justificar o seu domínio em outros continentes”. (2004: 30).

² Sobre esse assunto ver: (CANFORA, 1989). Especialmente capítulos 14 (*Cultura classica e usurpazione moderna*) e 15 (*Sul posto del classicismo tra le matrici culturali del fascismo*).

³ Serão utilizados alguns artigos publicados pelo escritor, durante o período mencionado, em periódicos que de alguma forma estiveram ligados ao movimento fascista espanhol como, por exemplo, *La Gaceta Literaria*, *El fascio*, *F.E.* Disponíveis em: <http://www.filosofia.org/hem/index.htm>. Acesso em: 12/02/2011.

Roma Antiga, Percepções Modernas

Enrique Selva, “Giménez Caballero é quem desenha um marco ideológico prévio para uma atuação política fascista e dá início aos contatos e às incitações para a formação dos primeiros núcleos” (2005: 71)⁴. Em segundo lugar, porém não menos relevante, pela tentativa de compreender a presença do mundo antigo romano na construção ideológica do fascismo espanhol, levada a termo por Giménez Caballero, centrando-se no seu intento de vislumbrar um “espírito nacional espanhol”, bem como a construção de uma “identidade nacional espanhola”, a partir de uma interpretação do passado romano entendido como a origem da Espanha. Nesse sentido, a busca pela identidade espanhola teria que levar em conta, necessariamente, o passado romano, isto é, a noção de um passado original enobrecedor.

Em síntese, a discussão aqui proposta insere-se nos estudos que pretendem analisar a relação entre os aspectos ideológicos e culturais do fascismo espanhol e a instrumentalização propagandística da imagem do passado antigo romano. Se admitirmos a premissa de que o passado se constrói a partir do presente em que se está inserido, o que permite constatar que cada época pintou sua Roma, podemos, com isso, indagar qual teria sido a imagem trazida a tona da Roma antiga por Giménez Caballero? Qual o interesse do escritor espanhol em relacionar a construção de uma nova Espanha com o passado romano? Que tipo de passado foi resgatado que tornava possível o forjamento de uma identidade nacional espanhola? São algumas questões que serão discutidas no decorrer desse artigo.

⁴ Ver também biografia de Giménez Caballero: (SELVA, 2000).

Ernesto Giménez Caballero e a crise da Espanha

Ernesto Giménez Caballero nasceu em Madri, em 1899. Aos 20 anos, licenciou-se em Letras pela Universidade de Madri, continuando seus estudos até graduar-se em Filosofia. Nesse período foi aluno de renomados intelectuais espanhóis, como Miguel de Unamuno (1864-1936); José Ortega y Gasset (1883-1955); Menéndez Pidal (1869-1968); Manuel García Morente (1886-1942). Já como professor, teve uma passagem pela Universidade de Estrasburgo, (1920-1921), onde ensinava Língua e Literatura espanhola. De volta à Espanha, transformou-se em um renomado escritor e teve seu nome ligado ao movimento vanguardista espanhol na década de 20⁵. Com o sucesso obtido, foi convidado, em 1924, a participar de algumas publicações literárias como, por exemplo, o diário *El Sol* e o periódico *Revista de Occidente*, esta última fundada, em 1923, por Ortega y Gasset⁶. Nessa época, segundo Enrique Selva, Giménez Caballero “se converte em um dos periodistas culturais mais audazes e renovadores do país” (2005: 79). Foi responsável, ainda, pela fundação, em 1927, de uma revista intitulada *Gaceta Literaria*, “que acabou se convertendo em porta-voz das ideias fascistas e seu diretor no grande profeta do fascismo hispano” (ABÓS SANTABÁRBARA, 2003: 31).

Um dos momentos importantes de sua trajetória intelectual e política foi o convite recebido, em 1928, para ministrar uma série de conferências em vários centros culturais da Itália, Alemanha, Inglaterra, França, Holanda e Bélgica. Fruto dessas viagens é a publicação de sua obra “*Circuito Imperial*” (1929), uma “obra que marca, em sua evolução como escritor, a transição

⁵ Sobre o movimento vanguardista espanhol, ver: (OLMEDO, 1988).

⁶ Segundo o historiador Antonio Duplá, Ortega y Gasset “está inserido na produção historiográfica, no início do século XX, que influenciou o pensamento fascista espanhol. [...] Suas discussões giravam em torno da ideia imperial de Europa, da decadência da Espanha desde o século XVI e a necessidade de sua regeneração” (1993: 347).

Roma Antiga, Percepções Modernas

dos experimentalismos vanguardistas a um novo conceito de literatura prioritariamente política” (SELVA, 2005: 88).

Nesse momento, a Espanha é acometida por uma profunda crise política e identitária ocasionada pelos constantes conflitos que acabou por levar a instalação de uma ditadura militar (1923-1930), liderada pelo general Miguel Primo de Rivera. Em 1931, é proclamada a Segunda República, com a promulgação de uma nova constituição, que não conseguiu “pacificar” a Espanha, pelo contrário, houve o acirramento das contendas políticas que culminou mais tarde, em 1936, na guerra civil.

Giménez Caballero, por sua vez, estava inserido nessa Espanha rica em partidarismos, separatismos, de horizontes contrários e diversos. Em suas viagens pela Europa, em 1928, pôde estar em contato com o modelo de civilização dos países da Europa central com uma tradição histórica, segundo ele, baseada na Reforma, no Liberalismo e na Democracia. Em contrapartida, teve contato com a Itália fascista, pela qual começava a nutrir uma profunda admiração:

Compárese tal misma España provincial y la Italia prefascista, y se verá que aquélla era un sueño gris, con despertares iluminados y subitáneos, que se apagaban y realumbraban breves momentos, mientras ésta – la Italia, anterior al Cisneros italiano, que es Mussolini – era un hervidero de ansias, de fascios, de haces, de minorías y estados, de tendencias unitarias, nunca bien conseguidas: un hervidero de risorgimento. Un risorgimento preparado por intelectuales, profesores, estudiantes, viejos republicanos, facciosos y garibaldinos, por gentes ilustres y conscientes, que en un momento dado supieron fundir todas sus ideologías oficiales y dispares en una sola – y única – entrañable⁷. (GIMÉNEZ CABALLERO, 1929).

⁷Em tradução livre. “Compare-se a Espanha provincial a Itália pré-fascista e verá que aquela era

O objetivo de Giménez Caballero era encontrar uma alternativa para os problemas enfrentados pela Espanha naquele momento. Os princípios fascistas encontravam uma considerável receptividade no meio intelectual espanhol com várias publicações que auxiliavam sua difusão ideológica como, por exemplo, a revista *La Gaceta Literaria*, já citada anteriormente, e o periódico *La Conquista del Estado*, fundado, em 1931, por Ramiro Ledesma Ramos, um importante parceiro político e intelectual de Giménez Caballero, ambos responsáveis pelas primeiras manifestações do fascismo na Espanha. Nesse instante, o fascismo surgia como a melhor alternativa para uma Espanha desintegrada e, ao contrário do posicionamento do jurista italiano, Alfredo Rocco, ao afirmar que “o fascismo é uma fórmula absolutamente da Itália e para Itália” (*La trasformazione dello Stato* – 1927), era entendido como uma resposta universal aos problemas, principalmente os enfrentados pela Espanha, como a crise do sistema liberal em uma época de modernização conflituosa e potencialmente traumática⁸. A crítica era dirigida, então, ao ideal da modernidade centrado no desenvolvimento histórico (capitalismo, liberalismo, democracia individualista) predominante desde a Reforma, que

um sonho cinza, com despertares iluminados e repentinos, que se apagavam e se reacendiam em breves momentos, enquanto esta – a Itália, anterior ao Cisneros italiano, que é Mussolini – era um fervedouro de ânsias, de feixes, de feitos, de minorias e estados, de tendências unitárias, nunca bem conquistadas: um fervedouro de ressurgimento. Um ressurgimento preparado por intelectuais, professores, estudantes, velhos republicanos, rebeldes e garibaldinos, por pessoas ilustres e conscientes, que em um determinado momento souberam fundir todas as suas ideologias oficiais e díspares em uma só – e única – entranhável”.

⁸ Na esperança de uma Espanha fascista, dirá Giménez Caballero: “Desde luego tiene razón Ortega y Gasset, al soñar que son precisas todas las divergencias previas, todos los regionalismos preliminares, todos los separatismos – sin asustarnos de esta palabra –, para poder tener un verdadero día el nodo central, un motivo de hacinamiento, de fascismo hispánico”. “Desde logo tem razão Ortega y Gasset ao propor que são necessárias todas as divergências prévias, todos os regionalismos preliminares, todos os separatismos – sem nos assustarmos com essa palavra – a fim de ter um dia um verdadeiro nó central, uma causa em comum, de fascismo espanhol” (GIMÉNEZ CABALLERO, 1929).

Roma Antiga, Percepções Modernas

havia restringido de forma absoluta o conceito de civilização aos países do norte da Europa, cerceando, assim, as possibilidades históricas das nações latinas (SELVA, 2005: 94). Os alvos eram os países do norte e centro da Europa praticantes da democracia liberal, a “Europa moderna”, a qual nações com tradições históricas distintas deveriam se afastar.

Nada de europeizaciones de Italia y de España. Italia, como España y como Rusia, son inaptas, por naturaleza, para assimilar el espíritu nórdico y occidental, se traicionarían, se perderían irremisiblemente. Nada de pasar por la vergüenza de una Reforma, de un Liberalismo, de una Democracia: formas nórdicas y occidentales que repugnan a nuestra íntima constitución. Italia, contra Europa. Rusia, contra Europa. España contra Europa⁹ (GIMÉNEZ CABALLERO, 1929).

Imbuído desses pressupostos, Giménez Caballero comenta que ainda jovem partiu em uma missão que pudesse “salvar a Espanha” e foi em busca do “*fermento regenerador*” (1934a). Intitulava-se como um “investigador nacional” que tinha por objetivo encontrar a “*alma española*”, o “*genio de nuestro pueblo*” (*Idem*). Em um momento de crise, de incertezas, onde os pressupostos fundamentais são motivos de questionamento, onde a nação se encontra fragmentada em vontades múltiplas e vozes dissonantes, Giménez Caballero tentava encontrar uma saída que pudesse recriar o elo entre os espanhóis, uma unidade nacional a partir de uma identidade nacional, identidade esta maculada pelos separatismos e particularismos. Buscava, enfim, reverter o quadro de uma verdadeira crise aberta na sociedade

⁹Em tradução livre. “*Nada de europeizações da Itália e da Espanha. A Itália, como a Espanha e como a Rússia, são inaptas, por natureza, para assimilar o espírito nórdico e ocidental. Se trairiam, se perderiam inevitavelmente. Nada de passar pela vergonha de uma Reforma, de um Liberalismo, de uma Democracia: formas nórdicas e ocidentais que repugnam a nossa íntima constituição. Itália contra Europa. Rússia contra Europa. Espanha contra Europa*”.

espanhola. Contudo, onde encontraria o fundamento da “alma espanhola”, do “gênio espanhol”? A resposta para essa questão começa a ser respondida na ocasião em que visita a capital italiana, Roma.

Roma antiga, Espanha contemporânea e a problemática da “origem”

Como yo – años de 1920-21 –, se encontraban en aquella zona centroeuropea indígenas de otras naciones, tan bárbaras, atrasadas y precarias como la española. Por ejemplo, italianos. Yo tenía sobre los italianos la idea que me habían proporcionado en España los regentes de mis opiniones. Los italianos eran unos pobres diablos, ‘mediterráneos’, ‘decadentes’ y ‘cursis’, que no valía la pena ni de llamarlos hermanos. Ser latino constituía, en la moral ‘progresista’ casi una infamia. Y pensar en ‘Roma’ algo así como un desvarío, una inexactitud y un bochorno¹⁰ (GIMÉNEZ CABALLERO, 1934a).

A partir do exposto, fica clara a ideia já discutida anteriormente sobre a existência, segundo Giménez Caballero, de “duas Europas”, que teria as nações latinas de um lado (Espanha e Itália), símbolos do atraso e da barbárie, e aquelas da Europa central e setentrional do outro, vinculadas ao progresso e à civilização. Entretanto seu primeiro contato com a cidade de Roma o levou a questionar esse argumento.

Pero un buen día caí en Roma. Yo era liberal y socialista. [...] Lo que me sucedió en Roma, apenas la hollé con mi planta despreocupada

¹⁰ Em tradução livre. “Como eu – anos de 1920-21 – encontravam-se naquela região centro-européia indígenas de outras nações, tão bárbaras, atrasadas e precárias como a espanhola. Por exemplo, italianos. Eu possuía sobre eles a idéia que haviam me ensinado na Espanha os formadores das minhas opiniões. Os italianos eram uns pobres diabos, ‘mediterrâneos’, ‘decadentes’ e ‘ridículos’, que nem valia a pena chamá-los de irmãos. Ser latino constituía, na moral ‘progressista’ quase uma infâmia. E pensar em ‘Roma’ algo como um disparate, um equívoco e uma vergonha”.

Roma Antiga, Percepções Modernas

y herética, ya lo he referido más de una vez. Lo que me sucedió fue tal catástrofe interior y al terremoto de mi vida, que en mi existencia exterior sólo pudo traslucirse por la palidez, la fiebre y el anonadamiento [...] Porque aquel sucedido fue el despertar de mi instinto más profundo de español. Un instinto al que hoy he querido buscar una base firme de sostén un abolengo espiritual, una tradición perfecta: una estirpe¹¹ (1934a).

Conforme tomava conhecimento de Roma, Giménez Caballero ficava cada vez mais afetado e impressionado com o sentimento aflorado a partir do que presenciava.

A las pocas horas de caer en Roma... ¿qué cosa me pasó? No sé. Sólo recuerdo que girovagué alucinado por las calles, y jardines, y cielos, y árboles, y palacios, y acentos de aquella vida. Y que de pronto me encontré abrazado a Roma con un ansia incontenible y desarticulada de balbucear tenuemente: *madre*. Roma, a los pocos días, ya fue todo para mí. Roma era el Madrid cesáreo e imperial que Madrid no sería nunca. Roma era ese firmamento cálido, azul, de un azul sexual, embriagador, azul y dorado que yo no había visto en parte alguna de España – y que era España, sin embargo – y que me protegía como una mano regia. Era la matriz de una Castilla mía, depurada, antigua, eterna, celeste, inajenable. Roma era –¡qué impresión descubrir eso, sencillamente! – mi lengua, el manantial de mi habla, espuma y cristal, originario en el que yo ahora zahondaba mi espíritu como un Jordán beatífico, saturándome de santidad, de *periodo de orígenes*,

¹¹ Em tradução livre. “Mas um belo dia cai em Roma. Eu era liberal e socialista. E de Roma sabia duas coisas: que talvez estivesse no mapa e que aquilo era um pouco de reação e de barbárie pestífera. [...] O que me sucedeu em Roma já contei mais de uma vez. O que me sucedeu foi uma catástrofe interior e um terremoto na minha vida, que em minha existência exterior transpareceu-se pela palidez, pela febre e pelo deslumbramento. [...] Porque aquele sucedido foi o despertar do meu instinto mais profundo de espanhol. Um instinto que hoje pretende encontrar uma base firme que sustente uma ascendência espiritual, uma tradição perfeita: uma estirpe”.

Rafael Nakayama Rufino

de filialidad, de ternura agradecida. [...] Encontraba en Roma el olor a madre que nunca había oído en mi cultura, que es peor que el olor a hembra, porque enloquece de modo más terrible. Olor a mundo antiguo, medieval y nuevo¹² (1934a; destaque no original).

Roma era a “mãe”. Estar em Roma era saturar-se de “período das origens”. Em sua tarefa de investigador nacional, Giménez Caballero havia encontrado a verdadeira alma espanhola, o gênio espanhol, aquilo que o espanhol possuía de mais essencial, a sua estirpe, a sua identidade. A verdadeira civilização, comumente exclusividade da Europa central e do norte, aparecia agora na irmandade latina ítalo-espanhola, fundamentada em uma herança histórica comum, em um antepassado comum, enfim, em uma origem comum, a saber, a Roma antiga.

El contacto de España con lo romano fue un contacto más que al principio. Roma acude a España a proseguir sus luchas particulares contra el cartaginés: a arrebatarle sus factorías ibéricas y a explotarlas. Pero después Roma se funde a España: la funda, la crea. Roma es la paternidad de España¹³ (1934b).

¹² Em tradução livre. “A poucas horas de chegar a Roma... O que aconteceu comigo? Não sei. Só recordo que rodei alucinado pelas ruas, jardins, céus, árvores, palácios. E que prontamente me encontrei abraçado a Roma com uma vontade incontornável e desarticulada de balbuciar suavemente: Mãe. Roma, em poucos dias, já era tudo para mim. Roma era a Madri cesárea e imperial que Madri nunca seria. Roma era esse firmamento ardente, azul, de um azul sexual, embriagador, azul e dourado que eu não havia visto em nenhuma parte da Espanha – e que era a Espanha, no entanto – e que me protegia como uma mão régia. Era a matriz da minha Castela, purificada, antiga, eterna, celeste, Roma era a minha língua, a fonte da minha fala, espuma e cristal. Originária em que eu agora mergulhava meu espírito como num Jordão sagrado, saturando-me de santidade, de período das origens, de filialidade, de ternura agradecida. [...] Encontrava em Roma o cheiro de mãe que nunca havia sentido em minha cultura, que é pior que cheiro de fêmea, porque enlouquece de uma forma mais terrível. Cheiro de mundo antigo, medieval e novo”.

¹³ Em tradução livre. “O contato da Espanha com o romano foi um contato mais do que inicial. Roma auxilia a Espanha a proseguir suas lutas particulares contra o cartaginés: a tomar suas

Roma Antiga, Percepções Modernas

Além disso, essa imagem de Roma como o período das origens serviu para o desenvolvimento da ideia de nação espanhola, do espírito nacional espanhol, pois

El primer sentido unitario, coherente y participador del mundo civilizado, sabemos que España lo recibe de Roma. La historia auténtica de España comienza en su contacto con lo romano. Hasta la llegada de la cultura de Roma a España, nuestro país, más que historia tuvo prehistoria en el sentido de que su vida fue tribal, de islotes, étnicos y antagónicos, con invasiones parciales, pasajeras y poco profundas de otros pueblos. [...] El nombre de España se lo debemos a Roma: *Hispania* (Espanña). El nombre y el primer sentido nacional¹⁴ (1934b; destaque no original).

A identidade e a unidade nacional espanhola estavam intimamente ligadas à presença romana na Hispania¹⁵, a partir do século III a.C. É por meio de Roma que o espanhol começa a vislumbrar um sentido nacional, até então inexistente. Outros pesquisadores espanhóis defenderam essa mesma posição como, por exemplo, o filólogo e historiador, Antonio Tovar

feitorias ibéricas e explorá-las. Mas depois Roma se funde a Espanha: a funda, a cria. Roma é a paternidade da Espanha”.

¹⁴ Em tradução livre. “O primeiro sentido unitário, coerente e participante do mundo civilizado, sabemos que a Espanha o recebe de Roma. A história autêntica da Espanha começa em seu contato com o romano. Até a chegada da cultura de Roma na Espanha, nosso país, mais que história teve pré-história, no sentido de que sua vida foi tribal, de ilhas étnicas e antagônicas, com invasões parciais, passageiras e pouco profundas de outros povos. A Espanha pode-se dizer que aparece no mundo antigo no século III a.C, quando os Cípiões entram em conflito com os africanos cartagineses no levante ibérico (primeira luta do romano contra o oriental, desenrolada em nossa pátria). [...] O nome de Espanha nós o devemos a Roma: Hispania (Espanha). O nome e o primeiro sentido nacional”.

¹⁵ Nome dado pelos romanos à região que corresponde à Península Ibérica (Portugal, Espanha, Andorra e Gibraltar). Durante a República romana houve a primeira divisão provincial da região: *Hispania Ulterior* e *Hispania Citerior*. Mais tarde, durante o Principado de Augusto, ocorreu uma reorganização provincial: *Baetica*, *Lusitânia* e *Tarraconensis*. E, por fim, no século III d.C., a divisão provincial levada a termo por Diocleciano: *Lusitânia*, *Baetica*, *Cartaginensis*, *Tarraconensis* e *Gallaecia*.

(1911-1984), que em sua obra *Império de Espanha* (1941) afirma que antes da presença de Roma, a Espanha estaria mergulhada em uma desorganização, na pluralidade de raças e línguas não havendo nem sombra da ideia nacional: “*el español no sabe que lo es*” (1941: 17). Mas, segundo Giménez Caballero “*a Espanha se povoa de fecundidade romana. A Espanha se matroniza. E alcança unidade, sentido, alma, nome, sucessão: Hispania*”¹⁶ (1934b; destaque no original).

Esse tipo de argumento aparece também em outros autores do mesmo período, como, por exemplo, nas palavras do arqueólogo espanhol Martin Almagro Basch (1911-1984), que ao discutir a importância do trabalho arqueológico nas ruínas de Ampúrias¹⁷, observa que

Tras la conquista romana España dejó de ser tierra de tribus y pasó a ser tierra imperial. Antes que en Tarraco y en Córdoba o Itálica, en Ampurias, la Hispania Antigua tomó contacto con el mundo clásico. Ella fue la primera ventana hacia el Mediterráneo que nos trajo ambiciones y sentido histórico. Roma tras los pasos de los helenos en Ampurias metió a España en la Historia del Mundo para siempre¹⁸ (1939: 3-4).

¹⁶ Nesse sentido, a pesquisadora Margarita Díaz-Andreu que discute, entre outros assuntos, a relação entre os estudos da Arqueologia e o nacionalismo espanhol, observa que “o período romano foi estudado porque os estudiosos alegavam que aquele tinha sido a primeira vez que a Espanha esteve unida e, ainda, foi durante esse período que a Espanha aprendeu a agir como um império” (1995: 46).

¹⁷ Ampúrias (*Emporiae*, em latim) foi uma cidade localizada no nordeste da Espanha, na região da Catalunha, fundada por colonos gregos, em 575 a.C. Durante o regime franquista, o sítio arqueológico de Ampúrias foi intensamente escavado, demonstrando a grande importância atribuída a um símbolo entendido como parte integrante do passado nacional espanhol.

¹⁸ Em tradução livre. “Após a conquista romana, a Espanha deixou de ser terra de tribos e passou a ser terra imperial. Antes do que em Tarraco, Córdoba ou Itálica, em Ampúrias a Hispania Antiga tomou contato com o mundo clássico. Ela foi a primeira janela para o Mediterrâneo, que nos trouxe ambições e sentido histórico. Após os passos dos helenos em Ampúrias, Roma colocou a Espanha na História do Mundo para sempre”.

Roma Antiga, Percepções Modernas

Essa importância conferida à origem da Espanha a partir de Roma, propugnada por Giménez Caballero, esteve associada aos imperativos circunscritos na instância do tempo presente, pela sua busca da identidade nacional espanhola que auxiliasse na superação da crise que a Espanha enfrentava na década de 30. Teria que ser buscada na Roma clássica, pois naquilo que o espanhol foi na origem (o Ser espanhol) e, sendo original, postulava uma missão, um destino que necessitava urgentemente ser reanimado para servir como guia no presente.

Compreende-se, dessa forma, sua admiração perante a Roma fascista de Mussolini que exibia a hipótese de uma “terceira via”, entre as democracias liberais e o socialismo soviético, promovendo um ideal que “afirmava a primazia absoluta da nação, entendida como comunidade orgânica etnicamente homogênea, hierarquicamente organizada em um Estado corporativo” (GENTILE, 2004: 19). O modelo para esse ideal de nação era a Roma clássica que aparecia como o exemplo bem sucedido de unidade nacional e capacidade integradora dos contrários. Não é por acaso que Mussolini tenta construir a sua imagem como o “novo Augusto” e continuador da Roma imperial¹⁹.

Se o modelo servia aos propósitos do fascismo italiano, deveria servir também aos da Espanha fascista pensada por Giménez Caballero, pois os dois países latinos possuíam uma origem comum e poderiam mirar-se nessa imagem da Roma clássica. Percebe-se, a partir disso, a utilização de um referente histórico legitimador que funcionaria como o fundamento para as ações políticas no presente. Alguns autores ressaltam que em alguns países da Europa no período entre-guerras se desenvolveu uma revolução

¹⁹ Sobre esse assunto, ver: (GIARDINA, 2008).

conservadora vinculada a conceitos como tradição, nacionalismo, hierarquia, elitismo e missão civilizadora, que culminou no chamado “*culto della romanità*”. Segundo a historiadora norte-americana Marla Stone, a “*Romanità, a qualidade de romanidade, para os fascistas, significava um profundo destino histórico e espiritual que se tornaria real através do Fascismo*”²⁰ (1999: 205).

Nesse sentido, Giménez Caballero como um teórico e entusiasta do fascismo espanhol via na *Romanità* a possibilidade de encontrar, a partir do “resgate”, do “desvelamento” de uma verdade contida em um passado tido como original, uma alternativa propriamente espanhola para a superação da crise da década de 1930. Desse modo, logrou êxito em sua tarefa de buscador da “alma espanhola” que pudesse orientar os caminhos e as escolhas da Espanha, isto é, uma solução, aquilo que ele mesmo chamou de “*elemento regenerador*”.

La Historia se repite porque es siempre la misma. Antiguamente se decía: “Todos los caminos llevan a Roma”. Hoy lo podemos repetir. Sobre todo, los pueblos que nacimos del genio romano. Y es porque Roma, con el Fascismo, ha encontrado de nuevo la “solución de la Historia”, la salvación de Europa²¹ (GIMÉNEZ CABALLERO, 1933).

Impulsionado pela busca da “alma espanhola”, do “gênio espanhol”, pela construção da identidade nacional espanhola, na esperança de dotar a Espanha de um sentido nacional, Giménez Caballero percebeu no passado

²⁰ “*Romanità, the quality of Romanness, for the Fascists, meant a profound spiritual and historical destiny to be made real through Fascism*”. Sobre o “*culto della romanità*”, ver: (VISSER, 1992); (MAZZA, 1994); (GIARDINA; VAUCHEZ, 2000 – principalmente capítulo 4: *Ritorno al futuro: la romanità fascista*, 212-296); (CHIEREGATTI, 2008).

²¹ Em tradução livre. “*A História se repete porque é sempre a mesma. Antigamente se dizia: ‘todos os caminhos levam a Roma’. Hoje podemos repetir isso. Sobretudo, os povos que nascemos do gênio romano. E é porque Roma, com o Fascismo, encontrou novamente a ‘solução da História’, a salvação da Europa*”.

Roma Antiga, Percepções Modernas

romano elementos que serviriam para estabelecer a ideia de origem espanhola e do povo espanhol, ou seja, aquilo que todos espanhóis possuem em comum, que é a sua origem romana. Termos como fundação, sentido, estirpe, gênio, criação, herança, paternidade, espírito, estiveram presentes em seu vocabulário sempre que o assunto abordado era a fundação da Espanha pela Roma antiga. De fato, nada mais propício do que a ideia de uma origem em comum para forjar o ideal de nação, pois é em nome de uma herança e ancestralidade que é julgado o direito de pertencer ou não a uma comunidade. É nesse contexto que o sociólogo inglês Anthony Smith, ao discutir esse ideal de nação como um elemento que potencializa a coesão e a unidade, observa que os membros de uma determinada comunidade nacional “recordam a sua herança comum e as suas características culturais, sentindo-se fortalecidos e exaltados pela sensação de identidade e pertença comuns” (1997: 31).

Em vista do exposto, torna-se necessário problematizar a noção de origem defendida por Giménez Caballero, uma vez que é a partir desse conceito que é construída sua ideia de uma “nova Espanha”, e para tanto se constrói também uma imagem da Roma antiga. Recorre-se, então, a uma discussão realizada pelo filósofo francês Michel Foucault.

Em um texto intitulado “*Nietzsche, a genealogia e a história*”, a proposta de Foucault é discutir alguns aspectos da filosofia nietzschiana, principalmente sua crítica a um modo de se pensar a história. São analisados dois conceitos contrapostos: *Ursprung* e *Herkunft*.

O primeiro, *Ursprung*, pode ser traduzido como *origem*. Segundo Foucault, uma pesquisa que almeja encontrar essa origem

Rafael Nakayama Rufino

se esforça para recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo. Procurar tal origem é tentar reencontrar ‘o que era imediatamente’, o ‘aquilo mesmo’ de uma imagem exatamente adequada a si. [...] é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira (1998: 17).

A busca pela origem seria, nesse contexto,

o exagero metafísico que reaparece na concepção de que no começo de todas as coisas se encontra o que há de mais precioso e de mais essencial: gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã (*idem*: 18).

Diante disso, é possível perceber que a reivindicação de uma origem espanhola a partir de Roma consiste justamente na noção de origem como *Ursprung*. Giménez Caballero, quando desembarca em Roma, constata que está perante sua “*madre*”; além de mãe, Roma é vinculada à *paternidade* da Espanha; pai e mãe dotam de nome seus rebentos: por isso que a Espanha deve seu nome a Roma; não só o nome, mas também o “primeiro sentido nacional”, pois cabe aos pais ensinarem seus filhos, para que no futuro próximo se tornem autônomos – ensinamento como herança; Roma funda e cria a Espanha; o gênio e o espírito espanhóis, isto é, sua *essência*, pertence a Roma, pois a Espanha está repleta de “fecundidade romana”.

Quando Giménez Caballero se coloca como o “buscador da alma espanhola”, na tentativa de encontrar a verdadeira identidade da Espanha que pudesse iluminar seus caminhos, a Roma antiga passa a estar

Roma Antiga, Percepções Modernas

presente em seus escritos, pois procurar tal identidade é procurar a origem e “tentar reencontrar ‘o que era imediatamente’”; se a origem da Espanha é a Roma antiga, isso se deve ao fato de que essa última era perfeita, e essa perfeição foi herdada pela Espanha. Para Giménez Caballero, a Roma antiga servia como modelo político, já que possuía unidade, força, império, organicidade, capacidade expansionista, civilização, paz, homogeneidade: todos qualificativos que a Espanha também possuía na Antiguidade e que deveriam ser reanimados para levar a cabo a construção de uma nova nação espanhola, decerto, perfeita.

Em contraposição, Michel Foucault aborda o conceito de *Herkunft*, desenvolvido por Nietzsche, traduzido como *proveniência*. Ao invés de uma busca pela origem, no sentido proposto acima pelo conceito de *Ursprung*, o que se pretende é evitar uma visão metafísica e essencialista da história.

Não será, portanto, partir em busca de sua “origem”; será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade; [...] deixar-lhes o tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma verdade as manteve jamais sob sua guarda; [...] É preciso saber reconhecer os acontecimentos da história, seus abalos, suas surpresas, as vacilantes vitórias, as derrotas mal digeridas, que dão conta dos atavismos e das hereditariedades (*idem*: 19).

Nesse sentido, segundo Foucault, uma pesquisa da *proveniência* “não funda, muito pelo contrário: ela agita o que se percebia imóvel, ela fragmenta o que se pensava unido; ela mostra a heterogeneidade do que se imaginava em conformidade consigo mesmo” (*idem*: 21). É a partir dessa construção teórica nietzschiana que Foucault estabelece alguns parâmetros para seu projeto genealógico.

Rafael Nakayama Rufino

A genealogia não pretende recuar no tempo para restabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é a de mostrar que o passado ainda está lá, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, depois de ter imposto a todos os obstáculos do percurso uma forma delineada desde o início (*idem*: 21).

Levando em conta essas considerações, vislumbra-se o quão destoante é a visão de história tecida por Giménez Caballero se comparado aos argumentos presentes na genealogia foucaultiana. A busca pela identidade espanhola partiu do pressuposto de que há uma continuidade histórica entre a “Espanha antiga” e a Espanha contemporânea. Desse modo, ao desvelar a verdade da Espanha, isto é, a sua origem, a sua essência, seria possível delinear o seu sentido, o seu futuro, pois, segundo as considerações críticas de dois pesquisadores, Adilton Luís Martins e Glaydson José da Silva, “definir uma origem torna-se definir um modelo ético, um modelo político, uma raça, uma nação, uma missão e um destino, e, também, o valor dos que não pertencem a essas definições” (2008: 52). Assim, aquilo que se distancia do modelo original é visto como desvio, subversão, decadência, crise, sendo necessário, portanto, “*corrigir a rota*”, “*permanecer nos trilhos*”, “*seguir o sentido das placas*”, “*conservar o itinerário previamente estabelecido*”: postular uma origem significa, com efeito, a instauração de uma normatividade.

Diante disso, alguns autores têm adotado uma postura crítica em relação à ideia de uma identidade espanhola única e já presente desde tempos imemoriais. Cabe destacar a obra do historiador espanhol Fernando Wulff, intitulada “*Las esencias pátrias. Historiografía e historia antigua en la*

Roma Antiga, Percepções Modernas

construcción de la identidad española (siglos XVI-XX)”, uma vez que esse autor assim justifica seu posicionamento.

Este trabalho se situa claramente em uma posição crítica diante da ideia da existência de um pertencimento e de uma identidade espanhola única, natural, obrigatória, o que significaria ler o passado hispano como destinado à unidade política, buscando estes fatores de unidade como demonstrações de seu destino inevitável, e, depois, defendê-lo como destinado a uma não menos única, natural e obrigatória continuidade para sempre (2003: 256).

Pode-se dizer, enfim, que Giménez Caballero construiu uma imagem da Roma antiga muito próxima da sua almejada Espanha fascista. Voltar a atenção para o passado romano significava encontrar a própria Espanha em sua origem, além de um modelo político. No seu entendimento, Roma foi destruída na Antiguidade, mas os seus valores e a sua exemplaridade histórica permaneceram; sua grandeza jamais foi esquecida, ainda mais por aqueles que possuem o “gênio romano”. É por isso que a Itália fascista, “a nova Roma”, encontrou *novamente* a “solução da história”: solução esta propriamente latina, que por isso mesmo serviria também à Espanha.

Considerações finais

Os questionamentos propostos atualmente por historiadores e arqueólogos do mundo antigo, possuem uma importância ímpar na configuração de um estudo da Antiguidade clássica que se pretende problematizador. Por muito tempo, as sociedades antigas apareceram como modelos de homogeneidade social e cultural, ausente de conflitos sociais, em uma interpretação normativa que não levava em conta os conflitos e

mesmo a presença de uma sociedade heterogênea (Cf. FUNARI, 2001). Como contraponto a essa interpretação, seguiu-se uma reação subjetivista que postula a indissociabilidade entre o contexto de produção do pesquisador e o resultado do estudo em si, isto é, os estudos que tematizam a Antiguidade clássica teriam incorporado os padrões sociais e culturais dos contextos em que se desenvolveram.

Nesse sentido, ao analisar os escritos de Giménez Caballero, quando tematiza o passado romano clássico, chega-se à conclusão de como o olhar para o passado fica comprometido com os valores promovidos no momento presente. Se um dado autor defende uma solução fascista para seu país e, por isso, uma identidade nacional única e homogênea, uma organização corporativista da sociedade, a Roma antiga será vista a partir dessa lente do presente que encontrará uma Roma unificada, as províncias pacificadas, uma identidade homogênea do romano, o Homem romano, a civilização romana, todos integrados no mesmo conjunto de valores e partilhando o mesmo destino histórico. Sendo assim, a uma realidade heterogênea composta por múltiplas identidades e processos de identificação, foi contraposto um modelo rígido e formalizado de identidade nacional.

Por fim, cumpre destacar, a partir de todas as questões que foram debatidas em torno dos escritos de Giménez Caballero, a importância de se analisar o contexto político-social no interior do qual as ideias sobre a Roma antiga emergiram e floresceram. Nesse sentido, Richard Hingley chama a atenção para a contemporaneidade dos estudos sobre a Roma antiga que “com frequência explicam os fenômenos históricos antigos nos termos que satisfazem os gostos e os interesses modernos” (2010: 68). Diz ainda sobre a necessidade de “problematizar a tradição de estudo em que os relatos do

Roma Antiga, Percepções Modernas

passado clássico não fazem nada mais que espelhar nossas aspirações (ou nossos pesadelos) sobre nossas situações contemporâneas” (*idem*).

São críticas importantes que contribuem para a construção de um estudo da Antiguidade que se pretende problematizante, mostrando que outra imagem do mundo romano é possível, quando são abandonados modelos interpretativos que enfatizam uma identidade única, a unidade cultural e social, a homogeneidade, a ordem, em detrimento de estudos que partem de outra base conceitual: fala-se, então, de identidades múltiplas e fluídas, de resistências, de sociedades heterogêneas – não mais o *Homem romano*, mas *romanos*, marcados pela diversidade social, cultural, de gênero, entre outras. Ou seja, uma postura totalmente oposta a uma interpretação fascista do passado romano que se valeu de um arcabouço conceitual essencialista, excludente e conservador.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Pedro Paulo Funari, aos professores Glaydson José da Silva, Antonio Duplá, José Geraldo Costa Grillo, Aline Vieira de Carvalho, Renato Pinto, Margareth Rago, Sidney Chalhoub, Cláudio Umpierre Carlan e Renata Senna Garraffoni. Aos colegas Andrés Alarcón, Filipe Silva, Pedro Fermín e Rafael Monpean. A responsabilidade pelas ideias limita-se a seu autor.

Fontes

ALMAGRO BASCH, Martin. Editorial. In: *AMPVRIAS. Revista de Arqueología, Prehistoria y Etnografía*. n.1, Barcelona: 1939. p.1-4.

GIMÉNEZ CABALLERO, Ernesto. Carta a un compañero de la Jovem España. In: *Gaceta Literaria*, ano III, nº52, 15 de fevereiro de 1929. Madri.

_____. El sentido social del fascismo. In: *El Fascio*, 16 de março de 1933. Madri.

_____. La estirpe de un instinto. In: *F. E.* nº2, 11 de janeiro de 1934a. Madrid.

_____. Roma y la España antigua. In: *F.E.* nº3, 18 de janeiro de 1934b. Madri.

TOVAR, Antônio. *El Imperio de España* (4ªed.). Madrid, 1941.

Referências bibliográficas

ABÓS SANTABÁRBARA, Angel Luis. *La historia que nos enseñaron (1937-1975)*. Ediciones AKAL: Madrid, 2003.

BERNAL, Martin. A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia européia. Trad. Fábio Adriano Hering. In: *Textos Didáticos – Repensando o Mundo Antigo*. IFCH/UNICAMP. nº49, abril de 2005.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Roma Aeterna. In: COSTA, Darc; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (orgs.). *Mundo Latino e Mundialização*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2004. p. 29-44.

CANFORA, Luciano. *Le vie del classicismo*. Torino, 1989.

Roma Antiga, Percepções Modernas

- CHIEREGATTI, Davide. Il fascismo e il mito di Roma. In: *Studi di Storia Contemporanea*. Set.2008. Disponível em: www.studistorici.com. Acesso em 06/06/11.
- DÍAZ-ANDREU, Margarita. Archaeology and nationalism in Spain. In: KOHL, Philip L., FAWCETT, Clare (orgs.) *Nationalism, politics, and the practice of archaeology*. Cambridge University Press, 1995. p.39-56.
- DUBY, Georges. Un nominaliste bien tempéré. In: *Dialogues*, Paris, Flammarion, 1980. p.37-66.
- DUPLÁ, Antonio. Notas sobre fascismo y mundo antiguo en España. In: ENCARNACIÓN, J. (org.). *Actas do II Congresso Peninsular de Historia Antigua*. Coimbra, 1993. p.337-349.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. *Microfísica do poder*. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p.15-37.
- FUNARI, Pedro Paulo A. Uma Antigüidade sem conflitos? In: *Boletim do CPA*. IFCH/UNICAMP. nº 11, jan./jun. 2001, Campinas. p. 13-24.
- GENTILE, Emilio. Introducción al fascismo. In: TUSSEL, Javier; GENTILE, Emilio; DI FEBO, Giuliana (orgs.). *Fascismo y franquismo cara a cara. Una perspectiva histórica*. Biblioteca Nueva, Madrid, 2004. p.17-24.
- GIARDINA, Andrea. O mito fascista da romanidade. In: *Estudos Avançados*. vol.22, nº62. São Paulo. Jan./Apr. 2008. p. 55-76.
- GIARDINA, Andrea; VAUCHEZ, André. *Il mito de Roma. Da Carlo Magno a Mussolini*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2000.
- HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Trad. Sonia Lacerda, Marcos Veneu e José Otávio Guimarães. Brasília: Ed. UNB, 2003.
- HINGLEY, Richard. Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa. In: *Textos Didáticos – Repensando o mundo antigo*. IFCH/UNICAMP. 2ªed. nº 47 - fevereiro. 2005.

- _____. Diversidade e unidade culturais: Império e Roma. In: _____, *O imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*. Trad. Luciano César Garcia Pinto, Renata Senna Garraffoni, Pedro Paulo Funari e Renato Pinto (orgs.). São Paulo: Annablume, 2010a. p.67-103.
- HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- MAZZA, Mario. Storia antica tra le due guerre. Linee di un bilancio provvisorio. In: DUPLÁ, A.; EMBORUJO, A. (eds.). *Estudios sobre Historia antigua e historiografía moderna*, Vitoria-Gasteiz, 1994. p.57-80.
- OLIVIER, Laurent. As origens da arqueologia francesa. In: *Textos Didáticos – Repensando o Mundo Antigo*. IFCH/UNICAMP. nº49, abril de 2005.
- OLMEDO, Andrés Soria. *Vanguardismo y crítica literaria en España (1910-1930)*. Madri, Istmo. 1988.
- SELVA, Enrique. Gecé y la “vía estética” al fascismo en Espana. In: GALLEGO, FERRAN y MORENTE, FRANCISCO (eds.), *Fascismo en España. Ensayos sobre los orígenes sociales y culturales del franquismo*. Barcelona, El Viejo Topo, 2005. p.69-108.
- _____. *Ernesto Giménez Caballero entre la vanguardia y el fascismo*. Valencia, Pre-Textos, 2000.
- SILVA, Glaydson José da. *História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.
- SILVA, Glaydson José da; MARTINS, Adilton Luís. Genealogia e História Antiga. In: FUNARI, Pedro Paulo; RAGO, Margareth. (orgs.) *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume, 2008. p.47-58.
- SMITH, Anthony. *A identidade nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997.

Roma Antiga, Percepções Modernas

- STONE, Marla. A flexible Rome: Fascism and the cult of *romanità*. In: EDWARDS, Catharine (eds.). *Roman Presences. Receptions of Rome in European Culture, 1789-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p.205-220.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os gregos, os historiadores, a democracia: o grande desvio*. Tradução: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- VISSER, Romke. Fascist Doctrine and the Cult of the *Romanità*. In: *Journal of Contemporary History*, London. Vol.27.1992. p. 5-22.
- WULFF, Fernando. *Las esencias patrias. Historiografía e historia antigua en la construcción de la identidad española (siglos XVI-XX)*. Barcelona: Crítica, 2003.